

L'ORDRE

Sartre, seja breve
Tradução: Fernando Vidal



REGNE

Jean-Paul SARTRE, Philippe GAVI, Pierre VICTOR

Entre novembro de 1972 e março de 1974, Jean-Paul Sartre, Philippe Gavi e Pierre Victor (pseudônimo de Benny Lévy) tiveram discussões regulares. A criação do jornal *Libération* deu ocasião a essas discussões. O assunto mais imediato eram os rumos do movimento maoísta, que estourara na França em maio de 1968 e àquela altura já estava combalido. Mas o resultado – *On a raison de se révolter* [Temos razão de nos revoltar] – vai além disso: dos acontecimentos políticos da ordem do dia – o Golpe no Chile, o conflito árabe-israelense –, os interlocutores passam a problemas por assim dizer mais gerais – o “poder”, os “novos valores”, a “liberdade reencontrada”. O que confere profundidade histórica a essas conversas é a intervenção de Sartre: aos 68 anos, ele dá um balanço de sua trajetória e, nesse exercício de retrospectiva, esmiúça a história da intelligentsia de esquerda no século XX.

O trecho que segue é parte do Capítulo III. “1968: Maio, Praga: a ruptura com o Partido Comunista”. (F.V.F.)

JEAN-PAUL SARTRE: [Em maio de 68] eu estava com o movimento estudantil. Escrevi artigos, falei a favor deles com a R.T.L. [Radio Télé Luxembourg], fui falar com as pessoas que ocupavam a Sorbonne. Mas, no fundo, não o compreendia. Eu via jovens que se revoltavam intensamente. Conhecia suas reivindicações, que eles próprios consideravam secundárias. Estava contente que se balançasse o poder de de Gaulle, que eu detestava tanto quanto tinha detestado Pétain, sob a ocupação. Mas o que me escapava era o verdadeiro sen-

tido (global) desse movimento e, sobretudo, das greves operárias que se seguiram. Aliás, parece-me que vocês [os maoístas] não foram muito brilhantes em maio de 68. Só a partir do outono vocês começaram a fazer um bom trabalho. Quanto a mim, foi na Itália que comecei a refletir e a encontrar explicações, poucos dias antes de os soviéticos entrarem na Tchecoslováquia, quando os estudantes de Bolonha me perguntaram o que maio de 68 significava. Ainda não era conhecido.

PIERRE VICTOR: Na sua entrevista com Dany Cohn-Bendit no *L’Observateur*, você insistia sobre a redescoberta da noção de soberania.

SARTRE: Quando te digo que eu nada compreendia, vou sem dúvida um pouco longe demais. Eu via o que eles buscavam, como eles, no melhor dos casos, mas certamente não melhor do que eles. Precisei de todo o ano de 69 para compreender alguma coisa. Vou te dizer por quê: até então, os intelectuais condenavam, em nome de certa universalidade que extraíam de suas atividades profissionais, o uso prático e particular que os governos e a classe dirigente faziam desse universal. Eles viviam nessa contradição e a denunciavam sem cessar: reuniões, assinaturas de manifestos, doações de dinheiro, por vezes, como durante a guerra de 39 ou a guerra da Argélia, que eles pagavam pessoalmente. Mas ninguém colocava em questão seu estatuto, tampouco eles próprios. Ora, em 68 – essa não era a principal característica do movimento, mas era um ponto de partida para os intelectuais o compreenderem –, o intelectual clássico foi profundamente contestado. Eu tinha um amigo, intelectual de esquerda, simpatizante do trotskismo. Ele tinha feito um bom trabalho du

rante as guerras da Argélia e do Vietnã. Dito isso, enquanto professor, considerando a disciplina que ensinava, mostrava-se [defensor do sistema educativo] selecionista. Por razões estritamente técnicas, pensava ele. De fato, em virtude de não ter compreendido uma das reivindicações mais importantes dos estudantes – não à seleção –, estes o colocaram em causa pessoalmente, sem levar em conta o bom trabalho político que fazia. Portanto, a compreensão de maio de 68 passava por sermos postos em questão. Ora, vocês sabem, o que demanda mais tempo é contestar-se em sua própria existência. Até porque não fomos todos postos em questão ao mesmo tempo. Alguns professores foram os primeiros contestados, mas os escritores, por exemplo, não o foram de saída.

VICTOR: Você não se sentia posto em questão por maio de 68?

SARTRE: Não. Os estudantes me davam boa acolhida. Veio pouco a pouco, em 69. Você vê, havia duas coisas: por um lado, maio de 68 mostrava aos intelectuais como eu que agora havia uma força potente, ainda incerta mas destinada a se desenvolver, à esquerda do P.C. É o que muitos entre nós tinham sempre esperado. Mas o outro aspecto do acontecimento é que essa força à esquerda não podia nos aceitar tal como éramos. Parecia-nos aberrante, no começo, que esse movimento pelo qual sempre tínhamos ansiado fosse justamente aquele que nos contestava como intelectuais clássicos. Era preciso, portanto, compreender isso, e ir mais longe. Pessoalmente, o que me colocou em questão indiretamente, desde maio de 68, é que as pessoas estavam fartas da vedetagem assim como do curso magistral. Quando fui falar com eles na Sorbonne, havia alguns que diziam: “bela merda! O que esse aí veio fazer aqui? É uma vedete, não precisamos de vedetes”. Em parte, isso vinha da falta de jei-

to do serviço de ordem, que me fez entrar como vedete no grande anfiteatro. De modo que eu me perguntava: é a mim ou a essa espécie de pompa que outros depuseram em torno de mim que os rapazes são hostis? Esse não era um bom ponto de partida para me interrogar. Muito ambíguo. Sobretudo porque, depois que começamos a falar, tudo correu bem. Além do mais, se a burguesia fez de mim uma vedete, não coincido com esta vedete. Em seguida, em 69, as coisas ficaram mais claras. Recordo-me de um acontecimento que, para mim, não era anedótico, pois foi o ponto de partida de minha evolução. Havia no [Teatro de la] Mutualité uma grande reunião de estudantes e de alguns de seus professores da Sorbonne para decidir sobre a ação que deviam realizar para responder a uma provocação do governo. Tratava-se de ir se manifestar na rua. Alguns estudantes de um determinado grupo vieram me encontrar e me disseram: é preciso que você vá lá falar. Eu disse: “Por que não? Mas não vejo muito bem o que tenho a fazer ali”. Fui. Havia uma sala cheia de estudantes e de professores e, na mesa, a meu lado, a mesma composição. Era uma reunião nova para mim: havia coisas a decidir, e não simplesmente a dizer — como no tempo da guerra da Argélia: “Viva os argelinos! Abaixo a política do governo francês!” Sobre a mesa, em meu lugar, estava escrito numa folha de papel: “Sartre, seja breve”. Pensei com meus botões: começou mal. Quando me levantei para falar, lá de cima os palestinos e seus amigos gritaram: “A Palestina vencerá!” Era contra mim: eu tinha uma posição sobre o problema do Oriente-Médio que a maioria da audiência não aprovava. Falei. Saí do tema. Não podia lhes dizer: façam tal ou tal manifestação. Eu não estava qualificado para fazê-lo, já que se tratava de um problema universitário. Ou “não façam isso ou aquilo”. Com qual direito? Eu

não era nem estudante nem professor. Fiz um pequeno discurso sobre os problemas da juventude em geral, que caiu como uma mosca na sopa. Os rapazes estavam se lixando. Não escutaram muito atentamente, zoaram um pouco e, por fim, aplaudiram polidamente, menos do que quando cheguei. A partir desse dia, comecei a compreender. Em primeiro lugar, que eu não tinha nada a fazer nessa reunião prática, posto que a manifestação não me concernia. Em seguida, que minha presença era escandalosa: já que eu não era nem professor, nem estudante, os desastrados que me haviam feito vir me impunham como vedete. Além disso, não tendo nada de preciso a lhes propor, falei como intelectual clássico, opondo o universal ao particular. Era o que eles não podiam suportar. Era preciso que um intelectual se suprimisse enquanto intelectual, e que se fundisse às associações, que falasse apenas para propor ações que realizaria com os outros, sobretudo que não mais abrisse seu coração partido, e que não discorresse mais sobre a relação universal-particular, mas que estivesse dentro do povo visando uma espécie de universalidade. Nas reuniões comunistas das quais eu participava não havia ação. Os oradores vinham ensinar ao auditório o que este pensava. Ao fim, por exemplo, todo mundo estava de acordo com a reprovação aos americanos e com os louvores aos vietnamitas, ou era votada uma moção por unanimidade e pronto, isto é, a cerimônia estava encerrada. E eu reencontrei em 69, nesse dia, uma nova forma de reunião com um público indomável que demandava um pensamento prático e que tomava suas próprias decisões. Levei tempo para compreender tudo isso, todo o ano de 69.

[...]

PHILIPPE GAVI: Tenho a impressão de que em maio de 68 você estava separado da realidade. E

não estava preparado para o acontecimento.

SARTRE: Eu já havia lançado a *Crítica da Razão Dialética*.

GAVI: Mas você não tem a impressão de que, em seguida, viveu à sombra de suas realizações?

SARTRE: Quando se tem 67 anos, é difícil não viver à sombra de uma realização. É o que [Isaac] Deutscher denominava interesse ideológico. Há obras atrás de si, que são materiais, folhas de papel preenchidas por signos, que aumentam a exigência inerte de serem defendidas. O interesse ideológico, eu o possuo menos do que outros, mas mesmo assim o possuo. Além do mais, havia outra coisa: em 68 eu estava num rumo muito diferente. Zero de política, você tem razão. Tendo rompido com os comunistas, não querendo fazer política contra eles, não encontrando nada à esquerda e, sobretudo, muito interessado pelo que escrevia sobre Flaubert. Se levasse esse livro a bom termo, pensava oferecer aos críticos e biógrafos marxistas uma técnica para compreender as pessoas. Eu estava numa torre de marfim provisória, da qual maio de 68 levou um ano para me fazer descer. Senti-me contestado pelos milhares de rapazes que gritavam na rua. Mas era preciso ainda que me sentisse visado, porque eles não gritavam contra mim. Eles gritavam contra outros. E era preciso compreender que terminariam forçosamente por gritar contra mim. O que ocorreu em 69-70. Veja, vocês, os maos [maoístas], quando testemunhei no tribunal a favor de Roland Castro, vocês estavam se lixando para mim. E de repente ocorreu o caso de La Cause du Peuple.

VICTOR: Durante todo um período, você sente que falta uma dimensão ao P.C., mas é dominado pelo sistema político do P.C. Ocorre que esse período foi deixado para trás em maio de 68. Há um movimento de massa que escapa ao controle

do P.C. O movimento contesta em particular essa divisão que deixa os intelectuais em sua torre e os operários submetidos ao pensamento do P.C., sem contato com os intelectuais.

SARTRE: O que é absurdo.

VICTOR: No entanto, esse movimento não te coloca em causa.

SARTRE: Você acredita que isso se faz em cinco minutos? Vocês, os maos, vão sempre rápido demais, o que os conduz a precipitar o caos ou a desperdiçá-lo [ça vous amène à bâcler les chaos ou à les manquer]. Pense bem: abandonar certo número de esquemas que me foram inculcados por um marxismo revisto pelos comunistas, os quais continuam a influenciar mesmo quando se está afastado deles, você acredita que isso não leva tempo? E tentar pensar de outro modo, que não é de forma alguma claro no começo, que é preciso desentranhar pouco a pouco dos acontecimentos? Certamente, era esse novo pensamento que reclamei durante toda minha vida, mas você acredita que reconhecemos de pronto as coisas que por tanto tempo foram desejadas?

NOTA

Cf. *On a raison de se révolter*. Discussions. Paris: Gallimard, 1974, p. 63-70.